

LÍNGUA ESTRANGEIRA, CURRÍCULO E MOTIVAÇÃO DOCENTE: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE ENSINO DE INGLÊS NO ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rackel Peralva Menezes Vasconcellos (UENF)

pmvrackel@gmail.com

Poliana Campos Côrtes Luna (UENF)

polianaccluna@gmail.com

Beatriz de Araújo Rezende Neves (UENF)

prof.beatrizrezende@gmail.com

RESUMO

Muito se tem discutido sobre uma aprendizagem significativa, que envolva o aluno. Definitivamente, para que esse processo se dê é preciso reconhecer a peça-chave no direcionamento da Educação: o professor. Talvez uma questão a ser pensada, seria o fato de que em sua grande maioria, as salas de aulas ainda têm a mesma estrutura e utilizam os mesmos métodos usados na educação do século XIX: as atividades ainda são baseadas quadro e papel, e o professor continua ocupando a posição de protagonista, detentor e transmissor da informação. Essa prática, nas aulas de Língua Inglesa, fica ainda mais evidente. Isso ocorre principalmente em escolas públicas onde, a relação ensino-aprendizagem do inglês é observado com preconceito, na qual os professores, em sua maioria, consideram que os alunos são incapazes de aprender outro idioma, uma vez que, possuem dificuldade de aprender o próprio português. No ano de 2012 foi implantado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro o Currículo Mínimo, um documento que objetiva nortear o trabalho dos profissionais da educação, orientando-os na elaboração e desenvolvimento de suas aulas. O presente trabalho pretende analisar a implementação do Currículo Mínimo de Língua Inglesa na rede estadual de Educação do Rio de Janeiro.

Palavras-chave:

Currículo. Língua estrangeira. Motivação docente.

ABSTRACT

Much has been discussed about meaningful learning, involving the student. Definitely, for this process to take place, it is necessary to recognize the key piece in the direction of Education: the teacher. Perhaps an issue to be considered, would be the fact that the vast majority of classrooms still have the same structure and use the same methods used in nineteenth-century education: activities are still based on board and paper, and the teacher continues to occupy the position of protagonist, holder and transmitter of information. This practice, in English language classes, is even more evident. This occurs mainly in public schools where the English teaching-learning relationship is observed with prejudice, in which the majority of teachers consider that students are unable to learn another language, since they have difficulty learning their own Portuguese language. In 2012, the Minimum Curriculum was implemented by the State Government of Rio de Janeiro, a document that aims to guide the work of

education professionals, guiding them in the preparation and development of their classes. This paper aims to analyze the implementation of the Minimum English Language Curriculum in the state education network of Rio de Janeiro.

Keywords:

Foreign Language. Curriculum. Teacher Motivation

1. Introdução

Pensar numa educação de simples transmissão, que fique restrita a sala de aula, leva a um conhecimento superficial que, quando acontece, aparece de forma pouco prática, distante da realidade do educando – o professor transmite e o aluno escuta. O que nos leva a uma aprendizagem reprodutiva e bancária.

Definitivamente, para que esse processo se dê é preciso reconhecer a peça-chave no direcionamento da Educação: o professor. Diante da essencialidade da influência do professor no percurso educacional, muita atenção precisa ser reservada a esse protagonista da condução do conhecimento e da formação de crianças, jovens, adultos e até mesmo idosos.

Talvez uma questão a ser pensada seria o fato de que em sua grande maioria, as salas de aulas ainda têm a mesma estrutura e utilizam os mesmos métodos usados na educação do século XIX: as atividades ainda são baseadas quadro e papel, e o professor continua ocupando a posição de protagonista, detentor e transmissor da informação. Essa prática, nas aulas de Língua Inglesa, fica ainda mais evidente. Quantas vezes, um professor de Inglês ouve na primeira aula: “Lá vem o verbo *to be!*” E pouco se vai além do dito “verbo *to be*”.

Para muitos professores de inglês, não existe a preocupação pela formação social do aluno. Nem sempre as discussões giram em torno das atitudes dos alunos no convívio social. Parece que a missão de educar se delega as disciplinas básicas no ensino regular e as famílias.

Isso ocorre principalmente em escolas públicas onde, a relação ensino-aprendizagem do inglês é observado com preconceito, onde os professores em sua maioria consideram que os alunos são incapazes de aprender outro idioma, uma vez que, possuem dificuldade de aprender o próprio português. O professor não deve ser um mero transmissor de conteúdo mais sim um profissional que envolve; expressa e constrói apreciações.

Durante anos, muito se discutiu sobre o conteúdo abordado por cada professor na sala de aula, a discrepância do currículo abordado em cada escola estadual. Com base nessas discussões, no ano de 2012 foi implantado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro o Currículo Mínimo, um documento que objetiva nortear o trabalho dos profissionais da educação, orientando os professores na elaboração e desenvolvimento de suas aulas.

Sua finalidade é que o aluno tenha o mínimo de competência e habilidade durante cada bimestre ao longo do ano letivo; assim se o aluno for transferido de colégio, o conteúdo mínimo será o mesmo. Além das competências e habilidades, o Currículo Mínimo também propõe atividades para serem feitas com os alunos em sala de aula ou como atividade extraclasse.

Ao passo que o currículo mínimo foi criado e exposto como obrigatória a aplicação – por parte dos professores, a resistência foi imediata. Se bem analisado, é um documento interdisciplinar que aplica o uso da língua na compreensão oral e escrita. A resistência por parte do educador advém do fato do mesmo, muitas vezes, não saber trabalhar a língua nesse formato. Dessa forma, ignora-se a existência do documento, seguindo o seu plano de trabalho.

O presente artigo pretende analisar a implementação do Currículo Mínimo de Língua Inglesa na rede estadual de Educação do Rio de Janeiro – bem como os impactos e possíveis modificações no trabalho realizado pelos professores de Língua Inglesa da rede.

2. *Revisão Literária*

A grande influência econômica, política e cultural dos Estados Unidos, seguida de fortes investimentos, tornou o inglês uma língua internacional, alcançando reconhecido prestígio mundial e passando a fazer parte do cotidiano das escolas nacionais e internacionais. Com o tempo, o ensino do inglês passou a fazer parte da grade curricular das escolas no Brasil, a despeito da realidade de cada região do país. Quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 9.394/96, Art. 36, § III, determinou que o currículo do Ensino Médio incluísse uma língua estrangeira obrigatória e uma optativa, a maioria das escolas estabeleceu a língua inglesa como a obrigatória (processo de naturalização).

Conforme salienta Mendes (2007), a importância do aprendizado de uma língua estrangeira está na possibilidade de se ter condições de dialogar com grupos ou pessoas que falam outras línguas e que vivem em sociedades diferentes.

Nesse sentido, a elaboração de um currículo deve estar ancorada às propostas didático-sociais e culturais adequadas aos níveis de escolaridade e que atendam às condições reais para o desenvolvimento de habilidades como o senso crítico, a ética e a cidadania.

O currículo nunca é simplesmente uma montagem neutra de conhecimentos, que de alguma forma aparece nos livros e nas salas de aula de um país. Sempre parte de uma tradição seletiva, da seleção feita por alguém, da visão que algum grupo tem do que seja o conhecimento legítimo. Ele é produzido pelos conflitos, tensões e compromissos culturais, políticos e econômicos que organizam e desorganizam um povo (APPLE, 2001, p. 53). Veiga (2002) complementa:

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. (VEIGA, 2002, p. 7)

Em 2011, a Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC) decidiu implantar na rede estadual a proposta curricular do Currículo Mínimo, de base comum, que direcionasse as atividades educacionais de maneira a aproximar e nortear o aprendizado na rede estadual. Em um primeiro momento, o Currículo Mínimo das disciplinas Língua Portuguesa e Literatura, Matemática, Geografia, Filosofia e Sociologia foi elaborado para o Ensino Fundamental e médio das turmas regulares. No ano seguinte se iniciou a elaboração do Currículo Mínimo para as disciplinas de educação física, biologia, física, química, educação artística, ensino religioso e língua estrangeira para turmas dos mesmos segmentos citados anteriormente.

É, nesse campo prático e complexo em que se insere o Currículo Mínimo para as línguas estrangeiras modernas, elaborado por professores da SEEDUC/RJ, instituído pelo Decreto nº 42.793 de 06 de Janeiro de 2011.

De acordo com o manual do currículo mínimo desenvolvido pela SEEDUC (BRASIL, 2010) a proposta para LE (Língua Estrangeira) é

promover, inicialmente, a interdisciplinaridade com a língua materna (para tal, sempre que possível, seguirão a abordagem de ensino por gêneros similar à adotada por língua portuguesa), mas a interdisciplinaridade com todas as demais áreas poderá ser suscitada a partir das temáticas introduzidas pelos gêneros. De acordo com o manual, alguns documentos referenciais externos foram utilizados na elaboração do material, bem como o conjunto de documentos de orientação do MEC como LDB, Diretrizes Curriculares Nacionais, Parâmetros Curriculares Nacionais e Orientações Curriculares Nacionais e a matriz da avaliação externa do Exame Nacional do Ensino Médio.

O Currículo Mínimo de Língua Estrangeira é composto por três eixos principais, sendo eles: “Compreensão escrita e oral”, “A língua em uso” e “Produção escrita e oral”. Foram também definidas as habilidades e competências que deveriam ser galgadas pelos educandos em cada um dos gêneros elencados.

Segundo as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEN, 2006, p. 9), “o currículo é a expressão dinâmica de conceito que a escola e o sistema de ensino têm sobre o desenvolvimento dos seus alunos e que se propõe a realizar com e para eles”, portanto, torna-se necessário refletir a relevância de uma proposta curricular para o sistema educacional que tenha como propósito ensinar, envolver, preparar para a cidadania e produzir conhecimento.

Diante da introdução de um currículo mínimo para as línguas estrangeiras nas escolas da rede pública estadual, fomentou-se a importância da relevância das orientações para o fazer docente e para o processo ensino/aprendizagem de língua estrangeira.

O Currículo Mínimo foi imposto aos professores pelo Governo do Estado como algo obrigatório sob pena de não recebimento de bonificações para aqueles que não o colocarem em prática em sala de aula. As dúvidas referentes à implementação deste documento em sala de aula são constantes e a resistência é ainda maior. Segundo Piccoli (2006):

Percebe-se que o professor de língua estrangeira mantém-se afastado do contexto educacional propriamente dito e preocupa-se apenas em transmitir os conteúdos lingüísticos. Esses professores têm evitado considerar o ensino de língua estrangeira como parte relevante da educação integral do ser humano, desconhecendo muitas vezes as razões e os porquês do ensino de pelo menos uma língua estrangeira como aspecto fundamental na educação de sujeitos. (PICCOLI, 2006, p. 2)

Conforme apontado pela Organização das nações unidas para educação, Ciência e Cultura (UNESCO), professores de todos os níveis e tipos de educação devem ser capacitados, em termos do seu desenvolvimento profissional contínuo, incluindo o uso apropriado da tecnologia, aprendizagem em pares, avaliação e trajetórias de carreira claras com incentivos intelectuais, reconhecimento social e autonomia profissional (UNESCO, 2015).

Para que aconteça a concretização do aprendizado é preciso que o educador seja um mediador entre o conteúdo de Língua Estrangeira proposta pelo Currículo Mínimo e o educando, transpondo para as aulas conteúdos de forma simplificada, contextualizada e com uma linguagem apropriada para o entendimento do aluno.

3. Conclusão

Historicamente, a educação brasileira passou por um longo período onde os professores que atuavam na educação básica não possuíam uma formação acadêmica adequada. Foi apenas a partir do começo do século XX que apareceu a preocupação em formar professores para atuarem nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Partindo dessa premissa, é possível e necessário também a criação de ambientes de aprendizagem onde haja tanto aspectos da transmissão de informação quanto de construção. Isso posto, a questão fundamental no processo educacional é saber como criar situações de aprendizagem para estimular a compreensão e a construção de conhecimento.

No Brasil, a língua inglesa é o idioma mais ensinado como língua estrangeira, e está presente em vários lugares e em diversos setores da sociedade, como em rótulos de produtos alimentícios, cosméticos, vestuário, propagandas, programas de televisão, outdoors, entre outras utilizações. Sendo assim, considerando o inglês como um meio de comunicação que abrange todas as áreas do saber, entende-se que se faz necessário determinar um modelo pedagógico que respalde o ensino de língua estrangeira.

Ainda refletindo sobre o papel das línguas estrangeiras modernas, que não estão entre as disciplinas consideradas mais importantes nas escolas (nem por alunos, nem pela comunidade escolar), não podemos ignorar sua importância no contexto globalizado, que busca preparar o

cidadão/aluno para relacionar-se com o outro (o estrangeiro), interagir, fazendo-se compreender e ser compreendido em uma outra língua.

Desde 2011, ano em que o Estado discutiu e elaborou um currículo mínimo para servir de base curricular para todas as escolas da rede estadual, os professores, que não foram treinados, preparados para esse tipo de trabalho interdisciplinar, voltado para o desenvolvimento da leitura e escrita livre do segundo idioma, rejeitou o material apresentado.

Nesse sentido, cabe à escola, na figura do professor, fazer a releitura da proposta apresentada como currículo, adequá-la ao contexto, construindo um Projeto Político-Pedagógico (PPP) que possa descrever suas funções e concretizá-las. Só assim o currículo cumpre seu papel de representar a comunidade escolar, cuja participação é de suma importância para a concretização de um currículo que tenha como objetivo atender às diversas realidades, nacionais ou estaduais.

Inúmeros questionamentos referentes ao Currículo Mínimo e sua implementação surgem nas conversas diárias entre professores da rede estadual de ensino. Há aqueles que pensam colocá-lo em prática, pois veem neste documento uma chance de transformar e melhorar a educação pública da rede estadual do Rio de Janeiro. Por outro lado, alguns professores não aceitam e/ou acreditam nessa nova política pública devido a conceitos e formas cristalizadas de desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula, os quais não desejam modificar. Outros não pensam adaptar suas aulas às novas orientações, já que não acreditam nas “sugestões” dadas pelo Governo, que, na verdade, são recebidas como imposições.

Outro ponto questionado pelos educadores é que os livros didáticos disponibilizados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) – a partir dos quais a equipe de professores de cada instituição tem que fazer sua escolha antes da implantação do Currículo Mínimo – não contemplam, em sua maioria, os gêneros propostos pelo documento acima citado.

Ademais, também como orientação da secretaria estadual de educação, o conteúdo deve ser registrado no diário escolar e ser confirmado no site Conexão Educação – Docente *On-line* que é um portal da secretaria. Entretanto lançar o conteúdo no diário ou no site, não quer dizer que estejam sendo ministrados aos alunos. Por enquanto, saber se eles estão de fato cumprindo o CM, é algo que não pode ser comprovado. Isto pos-

to, assim como todo modelo pedagógico, é preciso adaptação, reciclagem e reorganização, a todo momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael W. Repensando Ideologia e Currículo. In: MOREIRA, Antônio Flávio B.; SILVA, Tomaz Tadeu da. (Orgs). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1995.

COSTA, Patrícia Paull. *A implementação do PNL D de língua inglesa nas escolas públicas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre*. Monografia de conclusão de curso de graduação apresentada ao Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GREEN, S. *et al.* Towards a positive university. *The Journal of Positive Psychology*, 6(6), p. 432-9, 2011.

KAUARK, Fabiana *et al.* *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 20-109

PALLÚ, Nelza Mara. *Que inglês utilizamos e ensinamos? Reinterpretações de professores sobre o processo de ensino e aprendizagem do inglês contemporâneo*. Curitiba, 2013.

PIMENTEL, Luciana. Projetos de trabalho em educação: uma proposta de vivências interdisciplinares. In: POSSAS, Sandra. (Org.). *Inglês na sala de aula: Ação e reflexão*. 1. ed. São Paulo: Moderna 2010. (Coleção Richmond reflections)

QUIRINI, Maria José da Silva de Oliveira; PEREIRA, Carlos Alexandre da Silva; LEAL, Cristianni Antunes; OLIVEIRA, Vânia Lucia. *Políticas Curriculares: uma breve crítica ao Currículo Mínimo implantado no Estado do Rio de Janeiro*, 2011.

SACRISTÁN, J. G., *O Currículo, uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SEEDUC/RJ, Proposta Curricular: um novo formato, Língua Estrangeira, 2010, p. 06. Disponível em http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/downloads/LINGUA_ESTRANGEIRA.pdf. Acesso em: 12 de nov. 2019.

_____; SHOR, Iria. *Medo e ousadia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. *Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

UNESCO. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: ASA/Cortez, 1997

UNESCO. *World Education Forum 2015 Report*. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002437/243724e.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2019.

VYGOTSKY, Lev. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.